

A DEMOCRACIA

ORGÃO REPUBLICANO

BIBLIOTECA NACIONAL
S. L. R.

REDACCAO
Rua de S. José 121

RIO DE JANEIRO, 18 DE OUTUBRO DE 1887

ADMINISTRAÇÃO
Rua de S. José 121

ANNO II

Publica-se tres vezes por mez

N. 39

EXPEDIENTE

Scientificamos aos nossos leitores que Eugenio Augusto Pinto está desligado d'esta empresa.

Tendo mudado o nosso escriptorio e officina para a rua de S. José, n. 121, roga-nos que se dignem dirigir a correspondencia para este novo domicilio, onde nos achamos presente do meio dia em diante. Usando do antigo endereço, é facil que se dê algum desvio.

Rio, 18 de Outubro de 1887.

CHRONICA POLITICA

Confessemos que nada temos adiantado com os ultimos successos.

Tivemos o conflito militar, a queda dos liberaes, crise em todos os ramos da administracão e no commercio, eclapse do imperante, desacatos de potencias estrangeiras, convulsões intestinas pelo protestamento da abolição do esclavagismo.

Simultaneamente a estes factos vinha surgiendo e avolumando-se a phalange dos adeptos à Republica. Por toda parte ecoavam acentos jubilosos presagianto o grande dia da redempção.

Entretanto, de certo tempo, parece toldar-se de novo o horizonte e cubrir-se d'uma cõr plumbica e caliginosa que enche de pavor aos mais destemidos.

A classe militar alcançou um triunfo no prelio iniciado, mas como no de Pyrrho, ella vai ser dizimada e aniquilada.

Os liberaes, tão apregoados como elementos da oposição, nem merecem os foros de entidade politica. Os Sinimbu, Lafayette, Saraiwa, Paranaguá attestam desnorteamento e contradicção.

As finanças desequilibradas, dê pár com a penuria e extrema tensão dos negócios, traçam em sobresalto os espíritos e criam uma situação angustiosa de que ninguem se livra.

O sceptro vacilla e é brandido de modo a provocar o risco dos mais indiferentes.

Levantam ao mesmo tempo alguns representantes estrangeiros protestos insolentes com a unica mira de aguçar e ofender o nosso brio.

Em quanto tudo isto se passa, assiste a nação n'um torpor incomprehensivel às scenas horrorosas da sanha escravista que, n'um re-quinte de perversidade, condensa e perpetra as atrocidades que aspirara prolongar por espaço illimitado.

Causa realmente surpresa que em taes circumstancias uma sociedade se não afunde e se não precipite no cañon!

Por uma miragem singular, acreditamos que já vinha despontando a aurora promissora dos fulgores do astro-rei. Tinhamos notado movimento desusado aqui e alli, em numerosos recantos do paiz.

Ante as arbitrariedades e bravatas do governo concitaram-se os animos e celebraram-

se meetings; clubs patrióticos surdiram em cada província e cidade; a convocação do congresso republicano preludiava a ingente catastrophe que bramia pelos ares...

Tudo amainou; tudo desapareceu!

Ah, que triste sinal a nosa, que tenhamos de curtir todos os flagelos e amarguras e que só cheguemos ao bem pela impossibilidade de poder continuar o mal!

Qualquer progresso nosso depõe simplesmente que percorremos toda a escala dos abusos, desvios falseamentos, deturpações imagináveis.

Olhem-se todos os committimontos realizados durante a nossa vida de povo emancipado; elles não representam mais que uma serie de attentados, e incidentes vergonhosos, qualquer que seja a especie ou categoria. Leis, reformas, nomeações, privilegios, melhoramentos, construções, simples licenças, tudo é sophismado, concedido e praticado de má fé, fraudulentamente e com o proposito de exceder os limites do justo e do razoável.

A nossa ruindade é tanta que escorneamos dos poucos caracteres que se conservam puros, apedrejamos aqueles que se votam intrepidamente ao bem publico, inventamos alleves que desonraram os apostolos da propaganda salvadora e fazemos côro com os torpes agentes da especulação, ou conservamo-nos na abjecta e criminosa esquivança de tudo o que possa virtualmente favorecer um fim nobre e attendível!

Se a falta de bom senso e de cohesão é tão flagrante, se cada um desfaz e destempera n'outro com inaudita desfaçatez, se não ha elo moral que prenda as consciencias e approxime as intelligencias, se falta absolutamente o ideal commun e a fraternisacão das ideas; que ha a estranhar que o chefe do gabinete, o governo procedam autoritarianamente e a seu talante, com menoscabo de qualquer principio elevado? Aproveitando-se da situacão e attitudde dos espíritos, poderiam até passar a perseguir e maltratar fisicamente a quem murmurasse das cousas publicas, na certeza de que proporcionariam prazer e goso aos que por felicidade ficassem d'isso isem-pitos.

Se ainda empunhamos a pena e damos expansão ao nosso intimo sentir, devemol-o ao descuido ou à longanimidade d'esse mesmo individuo que, com um simples aceno, nos esmagara como a um ser infecto.

Mas para isto fôra mister que pudesse desviar a vista das grandes patotas e cabalas que se consummam em seu redor e sob o seu poderoso bafejo.

Assim, não pouco o terá preocupado o meio de satisfazer o voto que lhe hypoilecou o senador Gaspar Martins para salvar o actual gabinete na questão militar. Obteve de facto, mercê de sua astucia proverbial, a votação dos 18 mil contos para a feitura da E. F. estrategica do Rio Grande do Sul. Boa estratégia foi a do referido senador o qual encartou como empreiteiro mór ao compadre Caetano Pinto!

Mais um pesadelo deve-lhe ter sido a rebellião do ex-collega Sr. Antonio Prado com relação à questão abolicionista.

Pensa o Sr. Presidente do Conselho que o interesse de conservar-se o partido no poder sobrepuja a qualquer outro; leva por isso ameaçando de passar o pennacho aos adversarios, se qualquer membro ou fracção da irmandade levantar a grimpá.

Elle, que conhece a fundo os sequazes, achou a pedra de toque ou o condão para conservar os unidos.

O que se estima não é exactamente que prevaleça este ou aquele principio, mas aboletar-se o melhor e cortar largo na mar-mellada do thesouro.

Eis o vinculo poderoso e o mysterio transcendente que dá prestigio e força a essa individualidade que crê situações e dispõe como lhe apraz do pretenso voto da nação.

Prende pela barriga, acena à clausura da dispensa de viveres, proscreve e condena ao suicidio, desde que se tenha a velleidade de resistir aos seus caprichos.

Os senadores, que não podem temer-a, pela razão de serem inamovíveis, ofereceram-lhe resistencia e puseram em risco a sua conservação; a não ser que também entre elles tiveram guarida os conluios, as trincas e seduções, e largaram mão da iniciativa e do impulso esperançoso que já levava a salutar empresa da derrubada do actual ministerio.

Depois de tão assinalada victoria, as de mais dificuldade são nonadas. Alijamento de ministros, interpellações abafadas, recrudimento de vexames, o disfarce e a evasiva habil e cynicamente urdida, são recursos habituals de quem nada tem a recear e move os homens como titeres, fazendo tremeluzir a seus ojos, qual isca, ora a guisa de escarmento, a lamina afiada de uma navalha com que atira um pobre christão ao limbo da miseria e do desamparo.

Com semelhante sistema mais valera que se declarasse dictador e arbitro d'este pobre paiz.

Melhor seria, com efeito, que S. Ex. se proclamasse de direito o que já é de facto, o supremo d'esta terra, o cacique-mór d'estes selvagens envilecidos, o malungo chefe d'estes brasileiros africanizados. S. Ex. deve estar convencido que esta empresa, temeraria em qualquer parte onde haja ainda um resto de vergonha e de coragem, é aqui facil e de exito garantido.

Melhor do que ninguem, S. Ex. sabe quem é este povo. Não ha carga que o faça vergar e sacudir-a ao chão.

Ainda ha poucos dias dizia um publicista: « Ha muitos annos não sobe ao poder ministerio como o actual. Elle revolviu todo o oceano da vida publica. Atacou os ricos, pela conversão das apolices; atacou os pobres, negando-lhes o direito a uma patria livre, atacou os senhores, negando-lhes a integridade do dominio sobre seus escravizados; atacou os escravizados, fechando-lhes todas as avenidas que desembocavam na liberdade. »

Mais do que tudo isso fez ainda: destronou o imperador automatisado pela demencia e aniquilou a acção da regente pelo terror de uma degringolade geral.

Domou todos as forças directivas da nação e acaimou por ukaese de sua polícia as raras boccas que ousaram protestar.

E o povo, este povo que é a mescla informe produzida pela escoria de diversas raças, amalgamadas pela ambição material e ganho certo e rapido; este povo para quem o trabalho é uma deshonra e a dignidade um bom motivo de chocarrice e pilheria; este bom povo, trabalhado ha mais de meio seculo por todos as forças corruptoras da monarchia, este bom e simples povo segue à risca, a senha que lhe vem do alto; continua a almoçar, jantar e ceiar!

Não se embarace o Sr. de Cotelipe; varra de uma assentada todas estas frandulagens de governo monarchico constitucional, e funde gloria e impecavelmente a dynastia absoluta dos heroicos Wanderleys.

E o direito do mais forte; e S. Ex. sabe bem que os fortes são os que tem sempre o direito.

O povo applaudira siacre e jubiloso o grande evento que exalgará a cupula social a personificação inteira e completa de toda a sua intelligencia e todas as suas aspirações.

Convença-se S. Ex.: este povo que viveu meio seculo concentrado no imperador, ensandeceu com elle; não ha duchas, viagens, ou medicamentos que lhe dêm volta ao mundo; S. Ex. já se desembargou de um, disponha a seu talante do outro.

ESTUDOS ECONOMICOS

V

PERMUTA DE PRODUCTOS

CIRCULACAO E CONSUMO

Não carecemos estabelecer que a divisação do trabalho necessita de constante permuta de productos; e ainda menos explicar que esta permuta não se faz, nem poderia fazer-se directamente.

Basta repararmos para o que praticamos para convencermos-nos que convertemos os nossos productos em moeda, para com esta procurarmos os productos da industria alheia; somos todos vendedores e compradores; pois vendemos para comprar.

A moeda representa o resultado de um trabalho actual ou anterior: ella é o intermediaro de que fazemos permanente uso para conseguirmos satisfazer as nossas necessidades, os nossos gastos ou as nossas inclinações.

A moeda não é o objectivo de nossa cubica, nem o fim de nossos esforços; mas o meio de obtermos os objectos que desejamos.

A moeda foi criada para circular, e o consumo é o fim de todos os productos.

O ouro e a prata de que se compõe a moeda tem valor real; podem como metade servir para consumo; mas sob a forma monetaria, o seu único objectivo é facilitar as permutas, servir de unidade, de termo de comparacão entre os diversos productos e de medida dos seus valores.

Todos os productos circulam antes de serem consumidos; somente a moeda se consome pela circulação: usa-se, gasta-se, descreve-se à força de passar de mão em mão.

Por isso mesmo a moeda não é produciva senão pela circulação, ao passo que a circulação de qualquer mercadoria é onerosa, se não tiver como objectivo nova forma.

O algodão colhido na arvore, circula para chegar à máquina de filar; o filo circula para chegar às mãos do tecelão; o tecido circula ainda para chegar ao tintureiro e d'ahi para passar ao negociante atacadista e d'este para o de varejo e finalmente ao consumidor.

Todos estes movimentos são utiles, porque cada um d'elles tende a dar ao algodão uma

nova forma, a aumentar o seu valor. Mas se o tecido depois de receber a sua ultima feição virjar de um armazém para outro, sem encontrar comprador, não somente se deteriora pelo atrito, como ainda reterá improductivamente os capitais do fabricante ou do negociante.

Cada movimento do algodão necessita, pois de uma circulação de moeda; mas quanto mais rápido for este movimento, mais favorável será para o possuidor do algodão, precisamente porque este poderá lançar novamente a moeda em circulação.

A presença continua da moeda em todas as transações, tem sido causa de muitos erros que ainda gosam de grande crédito.

Confunde-se, algumas vezes, o meio com a causa; esquece-se que os produtos se permitem contra produtos, os serviços contra serviços, porque a operação não foi directa, imediata, mas por pouco que se reflecta no objectivo da moeda, no papel que ella representa, fica-se convencido de que os produtos de todas as espécies, são trocados uns pelos outros.

Os cereais, a carne, o carvão, o ferro, o algodão, o linho, a madeira, os moveis, as pedras, a lâ, o pano, tudo em uma palavra, passa por meio de permutas successivas, das mãos dos productores a outras mãos que têm produzido.

Se uma parte da sociedade, por exemplo, a lavoura que produz os cereais, obtiver resultados excepcionais, ella rengirá excepcionalmente sobre todos os produtos da especie diversa.

Quando ha escassez de cereais, o agricultor obtém em troca menor quantidade de objectos manufaturados, ou dá menor porção de cereais para os obter. No primeiro caso, os artigos manufaturados têm pouco consumo; no segundo, ha baixa de preço para elles.

Ao contrario, um anno de abundância de cereais permite a todos de consumir maior quantidade de cereais e por conseguinte de obter maior somma de outros productos; o consumo aumenta para todos os productores.

Resulta evidentemente d'esta simples exposição que as cidades, onde se concentra a industria manufatura, interessam-se grandemente pela prosperidade dos trabalhos agrícolas, e reciprocamente; o que equivale a dizer que cada productor tem interesse na prosperidade dos outros productores. Por isso mesmo, a inveja de nação para nação, de comércio para comércio, como de individuo para individuo não está unicamente em oposição com os mandamentos da religião, mas ainda é contraria à prosperidade privada ou pública.

Ainda uma vez encontramos aqui os antagonistas da marcha natural das coisas aos quais podemos oppôr o argumento mais peremptório para mostrar o erro dos seus sistemas factios. Sendo como é incontestável a permuta dos productos entre si, logo a importação dos productos estrangeiros deve ser a fonte, a causa da exportação dos nossos próprios productos.

Em vão se procurará exportar; inutilmente se reclamará o consumo exterior se puzermos obstáculos à entrada dos productos estrangeiros.

Não é possível atingir os fins paralysando os meios; não se pode vender quando não ha faculdade de comprar.

O consumo é o destino de todo o producto; mas da mesma forma que um producto abre um consumo, outro consumo deve fechar-o.

Como consequencia inevitável não se deve jamais provocar o consumo de modo directo; é preciso ao contrario agir sobre a produção, favorecê-la, porque ella crê naturalmente maior consumo desenvolvendo-se.

Todavia, é necessário fazer distinção entre productores de productos materiais e productores de productos imateriais.

Estes ultimos não podendo contribuir ao aumento das riquezas, porque as suas obras não deixam vestígios, não devem ser animados senão moralmente ou para satisfazer as necessidades sociaes.

Assim augmenta a força publica alem das necessidades da segurança, os agentes de autoridade alem do que exige uma boa administração, é multiplicar os consumidores, subtraindo à actividade industrial braços e cabeças que poderiam concorrer à produção das riquezas; é ao mesmo tempo arrancar aos productores uma parte de suas facultades reproductivas.

O exercito, os magistrados, os agentes do fisco, consomem, sem duvida, productos materiais de toda a especie; mas pagam esses consumos com a moeda dos contribuintes. Ora se se deixar a estes, o que se lhes toma para pagar os funcionários inuteis, essa parte servir-lhes-ha para aumentar os próprios gastos, ou para estender a sua actividade industrial e consequentemente os consumos não diminuirão pelo facto de economia do numero dos productores de productos imateriais, antes se alargará de todo o contingente que estes certamente fornecerão para consumir.

(Continua)

J. C. DE MIRANDA.

AGUA POR MEDIDA

A solução do gravissimo problema da distribuição d'água em uma cidade consiste em saber a quantidade d'esse líquido necessaria a cada habitante para o exercicio de todas as funções da vida, obedecidos, o mais possível, os preceitos higienicos.

Ora, esta solução, se bem que variável pela enorme complexidade dos phenomenos vitaes, foi encontrada por homens competentes em países diversos onde estas questões de saúde e de vida só se resolvem scientificamente.

Basta, pois, lembrar o modo por que esses homens trataram e resolveram o problema para obter-se dados secundos que podem servir de guia e de norma à nossa conduta.

O que cumpre não perder um só instante de vista é a enorme diferença entre o nosso clima e os dos países onde a questão foi estudada.

Guardada esta diferença essencial, o problema é o mesmo.

Concedamos a palavra a J. Arnould, professor de hygiene da Faculdade de Little, respeitável autoridade n'estes assuntos:

« NATUREZA E EXTENSÃO DAS NECESSIDADES D'ÁGUA — Divide-se na ordem seguinte as circunstancias em que a agua é necessaria:

a.) NECESSIDADES DA CASA: bebida, cocção dos alimentos, lavagem, cuidados de toilette, banhos, latrinas, rega dos jardins, bebida dos animais, limpeza de cavalariças, carros, cavalos, etc.

b.) NECESSIDADES DA RUA E DO GRUPO DE HABITACOES: Irrigação das ruas e dos jardins, e fontes publicas, incêndios.

c.) NECESSIDADES DA INDUSTRIA: Calculos, nos quais não se pode dar precisão invariável, dividem as proporções d'água que convenham prover para estes usos diversos. Burkli avalia que as necessidades da primeira ordem reclamam 35 por 100 d'água a fornecer, as da segunda 45 por 100, a industria 20 por 100.

Parkes fez adição abaixo, referida a um adulto e em um dia medio:

	Litros
Bebida	1,5
Cocção dos alimentos	3,5
Cuidados de asseio corporal	22,5
Mantenção da casa e utensílios	13,5
Lavagem	13,5
Banho (uma vez por semana)	18,0
Latrinas	27,0
Perda inevitável	12,5
Total	112,5

Com uma provisão de 22,5 litros por dia para os animais e outro tanto para a industria, chega-se a cifra media de 157 litros por habitante.

Burkli pedia para Zurick 190 litros, avaliando em 40 litros por individuo as necessidades da industria, em 27 as da limpeza das ruas, em 60 litros a agua necessaria a alimentação das fontes publicas.

Na realidade, estas estimativas são muito largas, e pode-se bem crer, com os engenheiros ingleses, que quando tocam 150 litros d'água, em uma cidade, por habitante, 50 são utilizados para casa, 50 para a rua e 50 desperdiçados.

« É preciso que haja agua de mais para que haja bastante, diz Foucher de Careil. Isto refere-se à quantidade disponivel e não à quantidade realmente distribuida: o desperdício d'água não é limpeza e, quando se conta com a facilidade das lavagens, que alias não são absolutamente vantajosas a todas as partes da casa, habita-se a se preocupar muito pouco de não sugar inutilmente este ponto do solo, ou aquelle objecto de uso quotidiano. Ser lavado é bom; não ter necessidade d'isso é melhor.

Segundo o engenheiro Grahan, 128 cidades inglesas recebem uma media de 148 litros d'água por dia e por cabeça. Em cidades em que ha esgotos, a quantidade disponivel varia de 180 a 340 litros. Em Southampton (54,000 hab.), ella é de 252 litros. Em 80 cidades alemãs que gosam de distribuição d'água a quantidade disponivel é na media de 179 litros por dia e por cabeça; a quantidade distribuida varia de 41 litros a 163; e na media de 63 litros.

Em França, Dijon dispõe de 150 litros, Toulouse de 160; Marseille de 50; Paris de 200 (e breve terá 250); Lille recebe 100 litros por pessoa e pode ter o dobro.

As cidades americanas têm enormes provisões d'água, 300 a 400 litros por cabeça; e menos pelas necessidades actuais, mas tendo em vista a extensão tão rápida d'estas cidades, que os seus engenheiros as dotaram de um modo que seria exagerado, fira d'isso.

Ouçainos agora a opinião de A. Proust, o abalizado higienista a quem tanto deve a França:

« QUANTIDADE D'ÁGUA NECESSARIA PARA O USO QUOTIDIANO NAS DIVERSAS CONDIÇÕES D'A VIDA.

É evidente que a quantidade d'água indispensável para o uso quotidiano não pode ser avaliada com um rigor matemático. A agua, com efeito, não é somente necessaria como bebida, mas serve para diversos usos e tem importância capital sob o ponto de vista do asseio, cuja importância nunca será exagerada em hygiene.

Se existe alguma incerteza em relação à cifra que é preciso estabelecer, deve-se, com segurança, interpretar esta dúvida no sentido mais liberal. Nas grandes cidades, e mais

ainda nos campos a parte pobre da população não se serve d'água senão para beber.

Habitos hereditários do desasseio que passam de geração a geração, reduzem notavelmente a quantidade d'água necessaria a cada família; mas cumpre, sob o ponto de vista higienico, reagir o mais possível contra estas perigosas tendencias.

É preciso interpretar largamente os dados da experiência a este respeito; e para nos servirmos da phrase tão justa de M. Foucher de Careil: « É preciso que haja agua de mais para que haja bastante. »

Indicamos, segundo Parkes, a quantidade d'água que recebem diariamente, por cabeça de habitante, os principais quarteiros de Londres, assim como algumas das maiores cidades do Reino-Unido.

Estes dados são principalmente tirados do relatório da comissão especial da camara dos comuns em 1867.

Compre lembrar que a cidade de Londres é alimentada por aguas pertencentes a diversas companhias.

Londres, Comp. do New River (1866) 23 gal. por cabeça

Comp. do Este, Londres	22 "	"
Chelsea	33,8	"
West Middlesex	30	"
Grand Junction	34	"
Southwark and Vauxhall	21	"
Lambeth	34	"
Southampton	35	"
Glasgow	50	"
Derby	14	"
Nottingham	17	"
Norwich	12	"
Edinburgh	35	"
Liverpool	30	"
Sheffield	20	"

Nota: O galão representa a cerca de 4 litros e meio.

Vê-se pelo exposto que a cifra que representa a quantidade d'água fornecida às diversas localidades inglesas, por cabeça de habitante, varia consideravelmente; as avaliações dos autores não são menos diversas.

O professor Rankine adopta a cifra de 45 e meio litros por cabeça para os usos pessoais, outros 45 litros para os usos publicos e industriais, emlinhas as cidades manufatureiras reclamariam 45 litros a mais, o que faria no todo 137 litros por habitante.

Parkes chega à cifra de 156 litros, decomposto d'este modo: serviço domestico, 54 litros; banhos, 13; latrinas, 27; perdas, 13. Total, 112 litros. Serviço municipal, 22 litros; agua suplementar para as cidades manufatureiras, 22.

M. Darcy adopta para Paris a cifra total de 150 litros por dia e por habitante.

E' como se vê, pouco mais ou menos, a cifra indicada por Parkes.

Antes de 1870 os habitantes de Paris recebiam ja 123 litros por cabeça e por dia.

Muitas cidades da Europa e mesmo de França são muito mais favorecidas.

Roma dá a cada um de seus habitantes 1100 litros por dia, o que se explica pelos enormes trabalhos executados pelos antigos para uma cidade que continha talvez 4 milhões de habitantes e que hoje não tem trezentos mil.

Em França, é Marseille, com 470 litros d'água por cabeça e por dia, que é a cidade melhor aquinhada.

E' dispensável dizer que os doentes devem consumir uma quantidade d'água mais considerável que os homens saos. Parkes, sob o ponto de hygiene militar, avalia a quantidade necessaria aos hospitais em 40 ou 50 galões por cabeça e por dia (de 180 a 225 l.).

Nao deixa de ter interesse verificar a quantidade d'água necessaria para os animais domesticos que acompanham quasi sempre o homem em suas expedições e em seus trabalhos.

O Ministerio da guerra, na Inglaterra (War Office), estima a ração dos cavalos de cavalaria em 8 galões (36 litros) e a dos cavalos de artilharia em 10 galões (45 litros).

E' evidente, entretanto, que para o cavallo, como para o homem, as necessidades dependem em grande parte da temperatura, do trabalho e da alimentação. Um boi bebe menos agua n'um pasto humido do que a que bebe n'um estabulo; n'este ultimo caso a ração ordinaria é de de 27 a 35 litros.

Para um carneiro ou um porco, é preciso dispor de 2 a 5 litros.

Na expedição da Abyssinia, os animais embarcados receberam as rações seguintes:

Elephant	25 galões
Camele	10 "
Bois grandes	6 "
Bois pequenos	5 "
Cavalos	6 "
Mulas e poney	5 "

Tinham-se embarcado 50,000 galões d'água (225,000 lit.) para 20 elefantes e cem homens para uma viagem cuja duração era avaliada em 60 dias.

Os progressos que realizam as cidades sob o ponto de vista da irrigação das ruas e das praças, do serviço de esgotos e da limpeza geral, tendem evidentemente a aumentar todos os dias a quantidade d'água de que fazem uso.

Finalmente, nos países quentes, a quantidade necessaria é certamente muito maior do que nos países temperados ou frios,

tanto mais que uma parte d'esta agua serve unicamente para refrescar a atmosfera.

Agora que establecemos base segura para nossos raciocínios, formada pela opinião inquestionável de higienistas notáveis, estudemos à luz desse criterio o modo de resolver o problema.

De tudo que transcrevemos dos autores vê que os algarismos que marcam a quantidade d'água necessaria a cada homem na Europa para o exercicio regular da vida, se bem que variável, approxima-se da avaliação de Parkes que computando essa quantidade em 150 litros estatue a verdadeira media. Darcy assigna a mesma cifra.

Vê-se ainda que essa quantidade d'água é a media realmente distribuída em muitas cidades, embora algumas gossem do triplo e mais.

As quantidades d'água reputadas enormes que gosam as cidades americanas, não se explicam pelo rapido desenvolvimento previsto pelos seus engenheiros, como quer Arnould, pois que à medida que esse desenvolvimento se dá, novas obras de aprovisionamento d'água se fazem para garantir sempre a mesma quantidade de líquido à população.

Prohibio que os taverneiros vendam espirito a pessoas fracas de cabeça.
Não quer que os generos de primeira necessidade custem mais do custo...
E nós, degradados filhos de Eva, tão sem divertimentos!

Ao sr. O. M., autor da apetitosa carta cullinaria, publicada no ultimo numero d'esta folha, pedimos licença para meter nossa colher de pau no assunto, oferecendo-lhe uma observação que confirma a these do immortal Brillat Savarin.

Ninguem ignora que a Bahia sempre predominou na política brasileira.

A razão desse fenômeno ainda não foi dada, e todavia está entrando pelos olhos de quem quer ver.

Só a Bahia cultiva a ciência gastronomica, só a Bahia representa a cozinha nacional, com grande originalidade e muita pimenta.

O Rio Grande churrasqueia.

Sta. Catharina marisca.

S. Paulo caldeia.

Só a Bahia brilha como a estrela polar.

Acontece que o abuso do angú reflecte-se nos negócios publicos, dando-nos muitas vezes governos de quítanda, e fazendo da política um verdadeiro angú.

Um grave personagem comparou o Sr. Taunay ao músico ambulante que toa a sete instrumentos ao mesmo tempo.

Fez injustiça ao pobre homem-orquestra, que se estorce,braceja e chia, medenho, p'verso e desafinado, mas não faz concorrência ao Laroussse.

O senador tem por divisa:

Rien n'est sacré pour un sapeur. Legisla por sulta, como faz madrigais ás finanças, escreve romances que parecem relatórios, produz critica literaria que parece politica do barão da Estancia, em theologia chega a dizer mais barbaidades do que os próprios padres. Na aduinação, canta, na sciencia, pinta: nas artes... peccados meus!

Deu-lhe ultimamente para fazer leis por processos instantaneos, á la minute, como os photographos fazem retratos ás duzias, e b'ato.

Tambem os projectos do Sr. Taunay são das duzias.

Artigo primeiro: fica estabelecido o casamento civil. Artigo segundo: o governo arranca lá essa histori.

Já viram mais adorável simplicidade?

Outro. «Fica criado o registro das terras; arrume-se o governo como puder.»

Qualquer dia o homem faz todos os codigos que nos faltam. Tres artigos para cada um.

O primeiro cera o código tal, o segundo empurra a bucha para o executivo, o terceiro revoga as disposições em contrario.

Systema electrico e telegraphico.

Quem sabe, sabe mesmo.

Também todos os projectos d'este anno andam batendo orelha com o do casamento, mais o das terras.

Ha o da agilidade do corpo, ha o dos projectos, e mais alguns igualmente divertidos. «Há de ver que ainda d. Luiz I nos manda uns legisladores trazendo canastras de projectos; leis, resoluções, alvarás, portarias, avisos e regulamentos.

Era economia.

Ubi bene, ibi patria

Notável pela erudição e pela oportunidade dos conceitos é o opusculo que a sociedade Central de Immigração publicou ultimamente sob o título: «Pequena propriedade e imigração europeia por Louis Couty.»

Quem foi esse individuo que entre nós passou deixando tão brilhante rasto de sua existencia, dil-o a explendida exposição de que tratamos; dil-o, alem d'isso, a opinião dos sabios mais afamados, que o citam em seus tratados e em suas palavras se louvam.

A sua carreira entre nós não foi isenta de espinhos e amarguras; lembra-nos mesmo ter-lhe ouvido queixas mal abafadas, resultantes da viva oposição que lhe moveram. Podia, no ardor do combate, ficar o seu coração ferido; mas a limpidez do seu pensamento e a candura do seu devotamento á nova patria que abraçou nunca se empanaram e produziram antes formosas vergonhas que ainda hoje vicejam.

Na cathedra da Escola Polytechnica, no laboratorio, na mesa da redacção do *Messageur du Brésil*, no seu gabinete de trabalho, em toda a parte simultaneamente fazia-se sentir aquele segundo gênio consagrado sempre a obras meritórias e de elevado alcance.

A que agora temos diante de nós revela quão intenso e vivido era o clarão que o illuminava, aquella inteligencia quasi ignorada e que tanto se afadigava em prol do nosso progresso.

Seguindo o seu processo científico e de observação, julgava o Sr. Couty que cumpria dotar o imigrante com lotes de terras, constituindo os *proprietários*.

Não concordamos plenamente com semelhante doutrina, pois que onde a terra nada vale, não pôde por longo tempo exercer atractivo nem fomentar a aspiração de ninguem de possuir-a.

O sforziano posto como cabeçalho d'estas

linhas, o citado pelo Dr. Couty na sua exposição, bem indica a orientação que elle seguia.

Encara a humanidade, dando-lhe como movel um utilitarismo do qual nos afastamos um pouco, acreditando que mais convém substituir-o por outro generico e absolutamente alheio de questões incandescentes: *nihil difficile benevolentia*.

A «O Paiz».

Embora retardados, não devemos eximir-nos do gratissimo dever de saudar a illustre redacção d'*O Paiz* pelo faustoso motivo do seu terceiro anniversario.

Tres annos de brillantissima campanha contra todos os vicios que nos corroem, contra todos os males que nos abatem, contra todas as forças que nos opprimem; tres annos de trabalho lucido e generoso em favor de todos os principios justos, de todas as idéas honrosas e de todas as aspirações nobres.

Poucas, bem poucas vezes, temos visto jornada tão rastreada de louros nos campos da nossa imprensa.

Oxalá o alento publico centuplique a vida do admiravel orgão de publicidade.

A nossa empresa

A demora e intermitencia na publicação d'esta folha é devida, entre outras causas, ás dificuldades com que arrosta quem não segue corrilhos, nem lisonjeia ou favorece pretenções de especie alguma.

E' sabido que n'esta terra, o producto da subscricção espontanea não suffraga nenhum empreendimento jornalistico. Talvez dê escasamente para o papel.

Em tais circunstancias, appellamos para a benevolencia dos leitores, na esperança de que nos relevarão as faltas de pontualidade em que bem a pesar nosso podemos incorrer.

Joaquim Nabuco

Tomou assento na representação nacional este illustre parlamentar, chefe do nobre movimento politico que está levando de vencida os ultimos obstaculos que ainda se opõem á grande obra da redempção dos captivos.

Entra como um triunpliador no conselho da nação, prestigiado pela honrosissima vitória nos pleitos eleitoraes do Recife e aureolado pelo nobilissimo ardor que o torna um dos mais denodados soldados da abolição.

A escravidão já tem no parlamento quem lhe dê o tiro de honra.

Cidade do Rio

Arvorou bandeira na vanguarda dos batalhadores da nossa civilisação o esforçado publicista José do Patrocínio, honra e orgulho impecável de nossa patria.

A Cidade do Rio é a luz brilhante que vai alentar na noite medonha do captiveiro uma geração inteira de opprimidos.

Essa luz se transformará, dentro em breve, na aurora do grande dia da redempção da patria.

Saudamos a José do Patrocínio.

Publicações

«A Evolução» — Temos tido a satisfação de receber alguns numeros d'este brilhante periodico, orgão do partido republicano da ilha Terceira. Vigorosamente escrito e inspirado nas mais puras doutrinas democraticas, o valente batalhador está efficazmente contribuindo para o desenvolvimento da idéa republicana n'essas bellas ilhas do Atlântico, celebres já na historia portugueza, pela nobre alteza e decidido heroísmo de seus filhos.

Correspondendo a gentileza da remessa, enviaremos os nossos numeros.

ARAUTO DE MINAS — Voltou à arena este excellento periodico, redigido com grande criterio e notável moderção. Inda que oposto ás nossas doutrinas, reconhecemos-lhe sinceridade e proficiencia.

Lemos no seu artigo editorial:

«Todos sabem: a posição que assumimos na imprensa, enfrentando adversarios desleais, em vez do placido socego d'aqueles que vivem indiferentes ao bem publico, à causa do engradeamento de nossa terra natal, somente nos trazem dissabores, atraíndo sobre nós as fundas raivas de inimigos feroces, bramindo em furias epilepticas ante os obstaculos, que oppõem á ousada pretensão de suffocarem as ideias, que se irradiam do labaro da verdade, que soerguemos.

Quaes são as vantagens que nos advêm d'este ingrato labutar? Os fructos que em melhor abundancia colhemos são: — a calunia cobarde, traigocira e desenfreida a moderar-nos a reputação; a injuria torpe e feia a ferir-nos desapiedada, em si um sequito enorme e negro do doestos, de injustiças e de... ingratidões, uniforme em pretender se abata o nosso espirito!»

Desgraçadamente, é essa a herança que em nosso paiz redonda em favor dos que se aventuraram a esta ordem de tentamens.

Agradecemos a remessa.

Paralelo: Imperio e Republica

Não temos a pretensão de que as nossas palavras caem no espirito do publico e ainda menos que convencam a quem quer que seja.

Entre nós, realmente, nem ha publico leitor que deseje orientar-se acerca dos assumptos que se prendem aos grandes interesses sociaes, a nossa voz, desacompanhada do cortejo dos aduladores de encomenda, chegará ja mais a ser ouvida.

Sejam então, estas linhas uma breve comunicação que dirigimos a alguns cavaleiros, assaz corajosos e desprendidos para n'esta quadra de feroz mercantilismo, ainda preocuparem-se com o que lhes não traz um lucro vital e imediato.

N'um dos numeros precedentes (30º), tivemos occasião de expender o que pensavamos relativamente á politica internacional que convinha seguir em face dos nossos vizinhos, os argentinos; politica que devia ser toda de paz e fraternização.

Julgamos havermos n'aquele escripto demonstrado os paradoxos contidos nas arguções constantes que se aventurem a tratar-se d'este topico.

Quem acoräçõa no entanto, toda a classe de mystificações e de opiniões fundamentalmente erroneas e a grey composta dos diplomatas-parasitas, dos correctores-agiotas, dos monarquistas ferrenhos e dos individuos supinamente ignorantes da historia e impressionistas levianos.

Os diplomatas vêem no acirramento e antagonismo dos dois povos vasto campo para suas manobras, por onde adquirem acesso.

Os agiotas locupletam-se sem esforço e sem risco mediante fornecimentos de armas e de generos diversos.

Os monarquistas ainda consideram a republica synônimo de desordem e uma heresia ou repudio do bom senso. Esses, coitados, consideram os, na escala da intellectualidade, collocados n'uma esphera inferior, não tendo totalmente a culpa de faltar-lhes aptidão cívica ou capacidade para gozarem de prerrogativas que são exclusivas dos espiritos soberceiros.

Restam os imbecis, os basinhos que são os eternos caudatarios da charlataneria. Esses ignoram tudo e pendem sempre do lado onde a scena oferece mais chiste, mais situações funambulisticas e mais assumplos inverosímeis.

Com uma sociedade assim organizada em sua maioria, é de extranhar que já não tenha feito explosão o sentimento da inimizade longo tempo acariciado pelos prohomenes do actual sistema politico, o qual só pode prolongar-se merce da cegueira geral e do desvio da mentalidade nacional!

Para exhibirmos uma prova mais concluente dos nossos assertos, passamos a transcrever alguns excertos de um artigo que estampou o *Diário Popular* em dias do mez p.p.

As observações que damos à continuação corroboram brilhantemente os conceitos que produzimos no nosso numero 36º acima aliudido.

«A baileia, tão laboriosamente implantada no Brazil, de que esta Republica (*) não esperava o momento propicio para apoderar-se do Rio-Grande, Paraguay e Estado Oriental, seria altamente deprimente do nosso amor proprio nacional, se não fosse ridicula pela

ignorancia que revela do seguro caminho que ella vai levando em demanda dos altos destinos que visa.

Com a mais clara intuição da exequibilidade dos seus diversos objectivos, desde as lutas da independencia, a Republica Argentina se distinguiu sempre pelo tacto com que vissava o mais imediato, de mais facil realização, suffocando muitas vezes grandes interesses affectivos para não embaralhar sua marcha.

O seu grande historiador Vicente Fidel Lopez, emulo de Mitre, acaba de tirar do caños da papelada que guardava informe as chronicas turbulentas do passado, com o roteiro claro e bem assinalado do escabroso caminho, que, com tanto tino, atravessou a Republica em procura da sua independencia.

Ahi se vê claro, na elucidada do brihante papel que desempenhou na corte de d. João VI o diplomata Manuel José Garcia, como o patriotismo argentino sabe fazer sacrificios, mesmo de amor proprio e os mais dolorosos, quando os crê necessarios, não sómente para a salvação da patria, como tambem para o seu engrandecimento.

E agora que ella principia a firmar o voo para o grande futuro que almeja, é que se lhe quer suppor insanos projectos de conquista! Pudessemos reflectir aqui o prodigo de vitalidade que ella desenvolve em todos os ramos da actividade e não precisaria mais para reduzir a n'ida essas preocupações.

Mas, além de nos faltar essa força, é preciso confessar que a obra de rivalidade ainda se acha tão forte que, tanto n'um, como n'outro paiz, crêem muitos de seu patriotismo dever preaver-se contra os seus effeitos, antes que impugná-los para evitar que elles se produzam.

Entretanto, perguntaremos: — que interesse pôde ter a Argentina em lançar-se n'uma guerra que, em todo caso, lhe pôde ser contraria em seus resultados: mas que, quando o não seja e lhe trouxesse um augmento de territorio, não teria ella afinal senão o trabalho de redobrar de esforços para povoar mais esses desertos; ella que até hoje não pôde definitivamente conquistar para a civilisação os que ainda possue?

Não: ella é mais esperta do que isto.

A pretendida sabedoria diplomatica europea das annexações politicas a Bismarck, que, em vez de solver dificuldades a felicitar os povos, cujo beneficio se tem em vista, a Republica Argentina a tem substituido pelas annexações ferreas, dos ferro-carris internacionaes.

Para que servirão o Rio-Grande, o Estado Oriental e Paraguay, mordendo sempre o freio da conquista, quando ella pôde e vai ter o Chile, o Peru e a Bolivia, que qualquer d'elles vale mais cem vezes do que aquelles todos, contentes e agradecidos, annexados ao seu grande porvir pelas estradas de ferro que para esses pontos se dirigem?

Isto é que é uma perspectiva para tirar o somno a um vizinho invejoso, como diria que com o sr. de Orleans se passa — que considera cada anno de paz que vence esta Republica como duas batalhas campais que vai perdendo annualmente.

Mas deixemos as veleidades guerreiras para esse senhor e os seus: tratemos, à imitação da nossa bela vizinha, da conquista pacifica do nosso deserto pelo unico meio possivel — a colonisação.

O custo das monarchias

De um exelente livro da serie *Propaganda republicana*, que o partido republicano português tem publicado, extrahimos o seguinte trecho, que é de um grande ensinamento:

«Na Europa custa a lista civil anualmente por habitante nas seguintes monarchias:

Inglaterra (moeda forte), 78 1/2 reis; Russia, 88 reis; Itália, 97 reis; Prussia, 117 reis; Belgica, 117 reis; Austria, 117 reis; Portugal, 145 reis; e nas duas republicas: França, 4 1/2 reis; Suissa, 4 1/3 reis. O confronto não pôde ser mais eloquente.

sua riqueza e prosperidade, pela incremento prodigioso das suas forças económicas, por todos os elementos de progresso, que determinam a supremacia de uma nacionalidade.

Ainda mais. A lista civil portuguesa (e falamos especialmente agora d'esta porque de mais perto nos interessa) é pouco mais ou menos igual ao dobro do que pagam reunidas os seus respectivos chefes de estados as seguintes nações :

Francia, Suiça, Republica Argentina, Chile, Mexico e Estados Unidos. Todos estes paizes, que formam incontestavelmente um dos mais importantes grupos da civilisação contemporânea, e que somam 100 milhões de habitantes, contribuem para as despesas de dotação e representação dos seus chefes de estado com 269 contos de reis (somma das diferentes dotações), enquanto só Portugal paga para cima de 600 contos fortes !!! *

O HOMEM

por ALUIZIO AZEVEDO
(Livraria Garnier, 3,000 reis)

I

Em hora tão propicia chega o naturalismo, que rápidas conquistas lhe poderiam ser profetizadas, se os brasileiros soubessem ler.

Uma política senil, tendo á cabeceira uma religião decrepita, a pertinacia da realeza em agarrar-se á vida quando a cova está cançada de esperar-a, a tardança de uma renovação social, ah! estão degradando até á commendadorice as almas fracas, enoitando a inteligencia nacional.

Patria aqui não ha: isto é uma colonia. Os brasileiros dizem chufas ao 7 de setembro, fazem chocarrices sobre o hymno nacional, e a bandeira dão-a aos kosques para anunciar loterias. As cidades são aglomerações fortuitas, bazares onde impera a áspera sôle do ganho. Nas altas regiões sociaes está organizado o jogo do pilha, diz o Sr. Andrade Figueira.

E pede idyllios a critica de gazetilha, suspira por confabulações pastoris, desempoeira o morto ideal christão, que lhe é uso envergar conforme as rubricas da folhinha!

Não pode ser assim. Perdoem as almas bem formadas e piedosas.

Aquietem-se os grammaticos e lexicographos.

A arte procura o seu caminho, e o encontrará sem recorrer á lanterna da scienzia oficial.

As formulas litterarias, e o diccionario não são mais sagrados do que os deuses e os reis.

Os cyrios já foram expulsos da egreja pelo gaz, o orgam fraternisou com a opereira, o viatico qualquer d'estes dias deixará o carro de praça pelo bond.

E a invasão democratica que reforma a terra, e tem ambição de reformar o proprio cou.

Tiveram seu tempo as *Fatalidades de dous jovens*, e o *Moço Loiro*, como *Attala* e os *Misterios* de todas as capitais da Europa.

Estamos muito velhos para os enredos complicados, para as lamurias sentimentaes e para as pieguices românticas.

O descredito da metaphisica deu entrada ao metodo experimental em todos os domínios do pensamento.

Não podia o romance escapar á corrente moderna: tornou-se, de phantasia que era, uma applicação da scienzia.

Já a poesia quebrára os velhos moldes, e com Leconte, Sully, Heredia, pedia inspirações á verdade, ou abeberava-se na scienzia, e ás vezes, chegava a tornar-se iniciadora; ou á mingua de novos ideaes, entregava-se ao culto da forma, produzindo miniaturas de paciencia chinesa, quadros á Fa-chinetti, preferíveis em todo o caso ás paysagens de convenção que se pintavam na Academia das Bellas Artes, entre quatro paredes, antes da revolução Grimm.

Não é, de certo, definitiva a nova forma litteraria, e tende desde já a modificar-se, á proporção que se alargam os horizontes sociaes.

Corresponde, porém, ao momento actual, reflecte as imagens d'as á epocha de transição, e significa uma conquista, um desdobramento da evolução.

Apelados todos os velhos ídolos, a democracia só encontra repouso na scienzia, só tem esperança no advento das classes opprimidas.

D'áhi a expressão litteraria, socorrendo-se dos resultados obtidos pela scienzia, empregando o metodo experimental, fazendo-se determinista, e ocupando-se com predilecção de estudar a vida do anonymo trabalhador, do nomade que tem passado sem deixar vestígios nas velhas litteraturas.

Contemplando e apalpando misérias que assombram a imaginacão, o romancista contemporâneo, por mais impassível que se apregoe, deixa sempre entrever a sua personalidade, contagia de pessimismo, anciada pelo dia da justiça, que tarda tanto!

Revolucionario sem o querer, não lhe importam simetrias classicas, cuidados de desenho, regras de Horacio, conselhos de Castilho.

Tintas vigorosas, descripções exactas, a vida popular reproduzida com a fidelidade de um bom e perfeito espelho, eis a arte.

Pois se a vida é isso!

Já lembrou-se alguém, a não ser algum conego, de achar immoral a anatomia, corruptora a estatística, indecente a botanica ou a phisiologia?

O romance naturalista vai por vezes mais longe do que devia n'esse desprezo das formulas e dos preconceitos. Chega a fazer bravata de indelicadeza, e parece comprazer-se, não já no estudo do nu, mas no esquadrihar do asqueroso.

E que o naturalismo ainda está na phase de combate, e como o sertanejo é obrigado a ter em uma mão o machado, e na outra a espingarda.

A violencia responde com violencia. Exagera os proprios defeitos, faz gala dos erros committidos, excede-se, toca á bruteza.

D'áhi o tom funebre que trazem muitas das obras modernas, o desconsolador aspecto de hospital, de cadeia brasileira e de cortico fulminense em que os naturalistas pretendem encerrar toda a vida social.

O livro do Sr. Aluizio Azevedo, posto que não o pretenda, é uma árma de guerra, e só por isso nos ocupamos d'ele, confessando de plano que somos hospede em materia de critica. Nem pomos mais alta a mira do que consignar umas fugidias impressões de leitura

Como Zola amargura-se reconhecendo que ainda é romântico; talvez o jovem romancista brasileiro não fique muito contente com as alas que á sua passagem abre a democracia revolucionaria.

Que quer, porém?

D'aqui não podem partir tiros contra um demolidor do velho edifício catholico-monárquico.

A revolução só é legitima e fecunda, quando a preparam os pensadores, e os escriptores a vulgarizam.

O sr. Aluizio Azevedo não teve, ao que nos parece, a intenção que lhe atribuiu um ingenuo de sustentar esta these: Que as raparigas se devem casar antes dos vinte annos.

Estudou um caso de hysteria, como tantos que passam despercebidos entre nós, deixam lo sepultadas no seio das famílias as mais tristes devastações, ao passo que o vulgo, e até homens de pedra verde no dedo, nas pobres allucinadas, tão fataes a si como aos seus, só veem santas ou martyres, ou perversas.

Leu, observou, analyson, viu o seu assumpto, e fez um quadro perfeito. Teve o talento de occultar o pintor e a palheta. Nunca falou de si, esteve sempre ausente. Evitou a tecnologia gasta, massuda, as dissertações, o arsenal da medicina, e com isso revelou fino tacto de artista, e perfeita comprehensão da distancia que separa a scienzia do romance. O dr. Lobão, que aparece por instantes para fazer uma pergunta ou projectar um raio de luz sobre o phemoneno ocorrente, representa com justeza a medida da intervenção científica na obra d'arte.

Porque não podemos dizer o mesmo da linguagem, descurada tantas vezes, e de uma crueza censurável em muitos trechos?

As linguas transformam-se, plebeusmos adquirem fôrmas de nobreza; do vocabulario que forma a gyria do vulgacho extrahem-se pe-

dras preciosas; mas... ha delicadezas que ficam bem em todos os livros, e phrasas que nodoam todas as boccas.

Bem sabemos que sempre a reacção tem excessos, e que de uma escola nascente não se podem exigir a serenidade e as concessões que não de vir com o tempo.

ANNUNCIOS

ATELIER CAÑIZARES

Offerece ao respeitável publico retratos a oleo, crayon, decorações de templos, vistas de fazendas, etc., tudo com a maior perfeição e a preços razoaveis.

40 RUA DE GONÇALVES DIAS 40

BIBLIOTHECA THEATRAL

Collecção de peças de theatro que mais voga tem feito nos theatros da Corte e Províncias, editadas pela livraria Serafim

73 — Rua Sete de Setembro — 73

RIO DE JANEIRO

DRAMAS, OPERAS, COMICAS E OUTRAS PEÇAS DE GRANDE ESPECTACULO

Peças de Arthur Azevedo

Falka, opera burlesca.....	18000
A príncipe dos Cajueteiros.....	18000
Abel, Helena.....	18060
A filha de Maria Angú.....	18000
A casadinho de fresco.....	18000
Jerusalem libertada.....	18000
Niniche.....	18000
A joia.....	18000
Gillette de Narbonne, opera comica em 3 actos.....	18000
A flor de Líz.....	18070
Por um tris coronel, proverbio em 1 acto.....	8500
Amor por annexins.....	8500
Uma vespera de Reis.....	8500

Eduardo Garrido

Bocacio.....	18000
Viagem á lua.....	18000
O jovem Felemaco.....	18000
A Mascotte.....	18000
Os sinos de Corneville.....	18000
Sonhos d'oro, peça fantastica em 3 actos.....	18000
Os Trinta Botos.....	18000
Por um triz.....	18000
Quasi que se pegam.....	18000
Um alho.....	18000
O meu amigo banana.....	8262
A bengala.....	8260

Coração e Genio, drama familiar, pelo Dr. Pires Ferrão.....

As duas orphás, celebre e importante drama em 5 actos.....

Aimee ou o assassino por amor, bello drama.....

A Judia, notavel drama de Pinheiro Chagas.....

A morgadinha de Val-Bôr, pelo mesmo...

Os Lazaristas, drama em 3 actos por Antônio Ennes.....

A Estatua de carne, tradução do Dr. Pires d'Almeida.....

Dalila, celebre drama de Octavio Feuillet.

Romance de um moço pobre, pelo mesmo...

Amor e infânia, notavel drama.....

Gonzaga, ou a revolução de Minas, celebre drama de Castro Alves.....

Euríco, magistral drama extraido do romance do mesmo nome.....

Fausto, drama phantastico de Gutirres da Silva.....

Os Positivistas, drama onde não entra

drama.....

O negro, drama importante.....

Jerusalem libertada.....

Por um tris coronel, proverbio em

3 actos.....

Amor por annexins.....

Uma vespera de Reis.....

Coração e Genio, drama familiar, pelo Dr. Pires Ferrão.....

As duas orphás, celebre e importante drama em 5 actos.....

Aimee ou o assassino por amor, bello drama.....

A Judia, notavel drama de Pinheiro Chagas.....

A morgadinha de Val-Bôr, pelo mesmo...

Os Lazaristas, drama em 3 actos por

Antônio Ennes.....

ol Estatua de carne, tradução do Dr.

Pires d'Almeida.....

Dalila, celebre drama de Octavio Feuillet.

Romance de um moço pobre, pelo mesmo.....

Amor e infânia, notavel drama.....

Gonzaga, ou a revolução de Minas, celebre drama de Castro Alves.....

Euríco, magistral drama extraido do romance do mesmo nome...

Fausto, drama phantastico de Gutirres da Silva.....

Os Positivistas, drama onde não entra	18000
drama.....	18000
O negro, drama importante.....	18000
Amores de Antonio Juca.....	8200
Um literato da época.....	8200
Camões e Jão.....	8200
Manoel d'Alabada.....	8200
São coisas.....	8200
Bala queimada.....	8200
O amigo dos artistas.....	8200

Outras peças de theatro

A cremação.....	8200

<tbl_r cells="2" ix="